

INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDOCEGAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.

Cinthia Maria de Abreu Claudino¹
Maria Ingridy Lacerda Diniz²
Thiago de Sá Sena³
Keicy Priscila Maciel Vieira⁴

RESUMO

A educação é compreendida como um processo de espaço múltiplo, que possibilita a construção de conhecimento e contribui para a transformação das relações sociais. Entre os desafios para construção do processo ensino-aprendizagem, está o de trabalhar com as diversidades, pois para cada necessidade educacional especial varia com a deficiência que cada pessoa apresenta. No entanto, as pessoas surdocegas enfrentam obstáculos, além daqueles causados pela cegueira e pela surdez. Diante desse cenário, a pesquisa busca analisar como ocorre a inclusão de crianças surdocegas nos anos iniciais do ensino fundamental na rede regular de ensino, verificando a relação entre a teoria e a prática dentro de sala de aula. Utilizando como meio a aplicação de questionários a professores que trabalham na educação especial, e analisando as suas respostas com base no exposto por outros estudos. Os resultados permitiram verificar o perfil dos professores, que todos tem ciência da importância da formação preliminar e da formação continuada para trabalhar com os alunos, reconhecem a importância do trabalho do guia-interprete, além de exemplificar questões que envolvem a sensibilidade do profissional. A partir dos resultados foi possível concluir que os professores conseguem alinhar bem a teoria executada na prática. Outro ponto importante, é que apesar das limitações de materiais e estruturas, em algumas escolas da rede de ensino, os profissionais conseguem driblar essas dificuldades e oferecer a melhor educação possível. Assim, discussões futuras podem analisar o processo de inclusão de alunos surdocegos em outras regiões do país e em outros níveis educacionais.

Palavras-chave: Inclusão, Surdocegueira, Educação especial.

ABSTRACT

Education is understood as a multiple-space process, which enables the construction of knowledge and contributes to the transformation of social relationships. Among the challenges for the construction of the teaching-learning process, is to work with diversities, because for each special educational need it varies with the disability that each person presents. However, deafblind people face obstacles, in addition to those caused by blindness and deafness. Given this scenario, the research seeks to analyze how the inclusion of deafblind children occurs in the early years of elementary school in the regular school system, verifying the relationship between theory and practice within the classroom. Using

¹ Mestranda do Curso de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, cinthiamariaac@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, mariaingridydiniz@gmail.com;

³ Mestrando do Curso de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, tg.77@hotmail.com

⁴ Graduada do Curso de Bachelarelado em Nutrição da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, keicy.priscila@gmail.com;

questionnaires to teachers working in special education as a means, and analyzing their answers based on what was exposed by other studies. The results made it possible to verify the profile of the teachers, who are all aware of the importance of preliminary and continuing education to work with students, recognize the importance of the work of the guide-interpreter, in addition to exemplifying issues involving the professional's sensitivity. From the results it was possible to conclude that teachers are able to align the theory executed in practice well. Another important point is that despite the limitations of materials and structures, in some schools in the education network, professionals manage to circumvent these difficulties and offer the best education possible. Thus, future discussions can analyze the process of including deafblind students in other regions of the country and at other educational levels.

KEYWORDS: Inclusion, Deafblindness, Special education.

INTRODUÇÃO

Os debates acerca da educação, apontam dois vieses quanto à definição do que se entende por educação. Para alguns, a educação se resume ao sistema escolar e às diferentes etapas de escolarização que ele sistematiza. Para outros, a educação deve ser exercida por meio de processos sistemáticos e assistemáticos. Nessa concepção, a educação é compreendida como um processo de espaço múltiplo, que possibilita a construção de conhecimento e contribui para a transformação e a manutenção das relações sociais mais amplas (DOURADO e OLIVEIRA, 2009).

Entre os diversos desafios que escola enfrenta para construção de novo conceito do processo ensino-aprendizagem, está o de trabalhar com as diversidades. Nessa perspectiva, a legislação atual vem dando base aos projetos que objetivam à inclusão e garantam o direito de estudar das pessoas com deficiência. No entanto, para que esses projetos de educação inclusiva se tornem realidade, é necessário que os educadores tenham oportunidade de realizar cursos de formação para atuarem com alunos com necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2006).

Cada necessidade educacional especial varia de acordo com a deficiência que cada pessoa apresenta. Baseado nos conceitos apresentados pelo Decreto Lei nº 6949 de 25 de agosto de 2009, pessoas com deficiência são aquelas que têm restrições de longo prazo de natureza física, sensorial, mental ou intelectual, as quais, no convívio com vários obstáculos, podem prejudicar sua participação plena e efetiva na sociedade (BRASIL, 2009).

Entre as deficiências sensoriais, uma que merece a atenção é a surdocegueira, que se configura com sendo uma múltipla deficiência sensorial, com perda da audição e visão (FARIAS, 2015). Há diversos fatores que podem causar a surdocegueira como várias anomalias, síndromes e prematuridade de algumas mães, no entanto uma das principais causas da surdocegueira é a rubéola congênita (AMARAL, 2002; AUGUSTO et al., 2013).

Além de diferentes causas essa perda de sentidos pode se apresentar em diferentes combinações. Podendo essas perdas sensoriais ser parcial ou total, de modo a acontecer que pessoas: que eram cegas e ficaram surdas; que eram surdas e ficaram cegas; que se tornaram surdocegas; e as que nasceram ou adviram a surdocegueira precocemente (REYS,2004). Dependendo das variações de acordo com a etiologias e a idade em que aconteceram a surdocegueira têm-se diferentes agravantes em relação a questões ligadas a saúde, educação, lazer e convívio social (ARÁOZ e COSTA, 2008).

Assim, a pessoa com uma perda substancial da visão e audição, não vivencia apenas uma situação de somatória de deficiência: perda auditiva+ perda visual; pois a surdocegueira é uma deficiência única, resultado da combinação dos dois tipos de perdas, resultando num quadro específico com necessidades também específicas (SILVA, 2010). Com isso as pessoas surdocegas vivenciam uma combinação de ausência de sentidos que pode causar em alguns casos extrema dificuldade em acessar informações e compreender o mundo externo, pois resulta em isolamento, extrema dificuldade para alcançar as metas essenciais da vida (ARÁOZ e COSTA, 2008).

Desse modo, ainda que a surdocegueira não consista na somatória das deficiências auditiva e visual, alguns direitos podem ser garantidos a partir da legislação. Como o Decreto 5626/2005, que regulamenta a Lei Libras (Lei 10.436/2002) e a Lei 4.169/1962, que oficializa as convenções Braille para uso na escrita e leitura, além da Lei 10.098/2000, que estabelece normas e critérios para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. (PACCO e SILVA, 2015).

No entanto, apesar dos elementos legais a elaboração de estudos acadêmicos sobre o tema surdocegueira, ainda é restrita no Brasil. Ainda, são mais raros estudos que discutam propostas educacionais de ensino e aprendizagem e a organização curricular que incluam o estudante surdocego no ambiente escolar (ROCHA et al., 2017).

A ausência de documentos que auxiliem os professores nas práticas educativas, mesmo que haja particularidades em cada aluno, acaba por promover o risco da execução de práticas equivocadas por parte dos educadores, o que pode desencadear prejuízos no desenvolvimento do indivíduo com surdocegueira (GODOY et al., 2012).

No processo de ensino-aprendizagem do indivíduo surdocego, há dois momentos que influenciam o desenvolvimento da linguagem. A congênita, expressão que designa pessoas que nasceram com deficiência visual e auditiva, as quais se tornam pessoas com surdocegueira antes do desenvolvimento da linguagem. A adventícia, é a palavra que vem sendo adotado para especificar pessoa com deficiência visual e que desenvolvem uma deficiência auditiva depois

da aquisição de uma linguagem, também quando uma pessoa tem deficiência auditiva, e com o tempo, perde a visão, ou quando uma pessoa desenvolve as duas, podendo ser advindas por um acidente, uma doença ou outros motivos (REYS,2004).

Diante do exposto, se torna necessário uma melhor análise do processo de educação inclusiva, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, em que se inicia o processo de alfabetização. No caso específico de alunos surdocegos, que na maioria dos casos entram tardiamente na escola, o processo de aquisição de conhecimentos para que se possa adquirir autonomia é complexo. Assim, a pesquisa se pauta no questionamento: Como é feita a educação inclusiva de crianças surdocegas nos anos iniciais do ensino fundamental, nas salas de aula da rede de ensino regular?

Com isso, a pesquisa busca analisar como ocorre a inclusão de crianças surdocegas nos anos iniciais do ensino fundamental na rede regular de ensino, verificando a relação entre a teoria e a prática dentro de sala de aula. Utilizando como meio a aplicação de questionários a professores que trabalham na educação especial, e analisando as suas respostas com base no exposto por outros estudos.

A pesquisa se mostra relevante, pois há muito trabalho a ser feito para que ocorra uma verdadeira inclusão dessas crianças nas séries iniciais do ensino fundamental no ensino regular. Dessa forma, a pesquisa busca contribuir com a convivência pacífica com a diversidade, bem como contribuir para que docentes e acadêmicos possuem conhecimento didáticos pedagógicos para atuarem no contexto da inclusão com crianças surdocegas.

METODOLOGIA

Planejamento da pesquisa

A sistematização da metodologia, foi feita através da aplicação de um questionário onde foi verificado o trabalho desenvolvido com crianças surdocegas dentro de sala de aula, valorizando as estratégias de trabalho e o desenvolvimento do aluno.

Características científicas da pesquisa.

Em uma pesquisa científica há diversas características, e para cada característica existem tipos de classificação. Assim, a definição de cada característica pelo pesquisador é importante para validar o método científico utilizado na pesquisa.

No que se refere à abordagem, os métodos de pesquisa são classificados em qualitativos e quantitativos. O enfoque qualitativo busca entender o fenômeno coletando dados sem a necessidade de medição numérica e para isso utilizam técnicas como entrevistas abertas, discussão em grupo e avaliação de experiências (AUGUSTO et al., 2013). Por sua vez, o enfoque quantitativo testa hipóteses através da coleta de dados com valores numéricos e com uso de uma amostragem representativa com a finalidade de estabelecer padrões. Com base nestas definições, pode-se afirmar que a pesquisa teve enfoque quantitativo na etapa de entrevistas através da aplicação de questionários para definição do cenário do ensino nos anos iniciais do ensino fundamental para alunos surdocegos, e qualitativo nas etapas de utilização de literaturas para definição contribuir na definição desse cenário.

Quanto a área da ciência, as pesquisas são classificadas em quatro tipos denominadas de teórica, metodológica, empírica e prática. A teórica diz respeito a constituir teorias, conceitos e ideias para aperfeiçoar fundamentos teóricos e práticos. A pesquisa metodológica busca investigar métodos e procedimentos científicos. A pesquisa empírica produz e analisa os dados obtidos com procedimentos experimentais. A pesquisa prática utiliza procedimentos práticos para investigar fatos e obter dados. Assim, o estudo proposto possui um viés teórico, pois se utiliza de questionários e bibliografia para construir teorias sobre o ensino especial dos surdocegos.

Na parte prática da pesquisa foram aplicados questionários com professores especialistas da rede regular de ensino que trabalham com estudantes surdocegos nos anos iniciais no ensino fundamental. Sendo assim, foram consultados oito professores.

O qual questionário é composto por duas partes. A primeira de identificação do professor entrevistado, com sete indagações. A segunda com seis perguntas subjetivas que abordam as formações dos professores para atuar com o estudante surdocego, as ações no processo inclusivo, sugestões para contribuir com o atendimento do aluno surdocego, experiência marcante com esses alunos, o entendimento em relação ao guia interprete e sobre a formação continuada do professor para trabalhar com alunos surdocegos.

De posse dos questionários respondidos, foi montado um perfil dos professores entrevistados e feita uma análise das respostas dadas para que através dela conseguisse atingir o objetivo do estudo de retratar como ocorre a inclusão de crianças surdocegas nos anos iniciais do ensino fundamental na rede regular de ensino.

O Tabela sintetiza o método científico utilizado na pesquisa para atingir seus objetivos.

Tabela 1 – Síntese das características da pesquisa

Método científico	
Enfoque da pesquisa	Qualitativa e Quantitativa
Quanto à área da ciência	Teórico
Instrumentos	Questionários

Fonte: Elaborado pelo autor.

Perfil dos entrevistados.

Na etapa de identificação do questionário foram feitas indagações a respeito da Formação do docente se referindo a graduação, especialização, mestrado e doutorado. Além do tempo de atuação do profissional como professor, Tempo na Escola e Tempo na Etapa de Ensino.

Quanto a formação na graduação o perfil dos professores, a maioria (76%) possuía uma formação, sendo dois entrevistados (25%) com duas formações, já em relação a área da formação a maioria (80%) era Pedagogo, havendo também pessoas formadas em Letras e Psicologia (20%).

Em relação a especialização, todos os entrevistados possuíam essa formação (100%). A respeito da quantidade de especializações maioria possuía uma única (62%), no entanto um número muito mais representativo de docentes possuía duas formações no grau de especialização (38%), já em relação ao tipo de especialização a grande maioria (91%) tem especializações na área de educação, sendo desse grupo a maior parte (55%) especialista em educação especial, apenas uma pequena parcela possuía especialização em áreas afins relacionada a psicologia (9%).

No que se refere a possuir formação em pós-graduação *Stricto Sensu* o perfil dos entrevistados é: No nível mestrado a maior parte possuía a formação (62%), tendo um entrevistado em processo de conclusão da formação e os demais sem mestrado (3.a). Desses mestres e mestrando todos possuíam a formação na área de educação, sendo apenas uma pequena parte na área de educação especial (3.b).

No que diz respeito a pós-graduação no nível doutorado, a minoria dos entrevistados possuía a formação (25%), e desses 25% todos eram doutores na área de educação (100%).

No tocante ao tempo de experiência dos docentes, a grande maioria (72%) possui experiência de 20 a 30 anos na área da educação, 43% possui de 10 a 20 anos na escola e em relação ao tempo na etapa de ensino 43% possuía experiência de 0 a 10 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários da pesquisa foram aplicados a oito (08) professores regentes ligados à secretaria de educação do Distrito Federal e uma docente de Santa Catarina, que já atuaram em turmas do Ensino Fundamental I. Os formulários foram enviados aos professores por meio do correio digital e esses tiveram o tempo que achassem necessário para enviarem as perguntas. Sendo que todos os convocados responderam aos questionamentos de forma livre e voluntária.

Essa forma de abordagem foi adequada e importante, pois através da análise preliminar dos resultados pode-se ver que os professores participantes deram importantes relatos e contribuições com suas respostas.

Com base nas respostas dos professores foi possível montar um cenário de como os profissionais da educação se preparam e agem no caso da educação especial, tendo a partir das análises dos resultados que a grande parte dos profissionais entrevistados possuem muita preparação, seja ela através de cursos ou de tempo de vivência em sala, para acompanharem e ministrarem aulas para alunos especiais.

No entanto, mesmo com os vastos conhecimentos, os relatos dos professores mostram que ainda há dificuldades a serem vencidas no que tange a educação especial de surdocegos. Dificuldades essas ligadas tanto a presença e melhoria das estruturas e materiais didáticos adaptados, que são essenciais, como também no que diz respeito à aplicação das metodologias educacionais, pois mesmo se configurando como um grupo, cada aluno surdocego possui sua individualidade educacional.

A primeira indagação dizia respeito aos cursos feitos pelos professores para serem agentes no processo educacional dos surdocegos. Dos oito entrevistados a grande parte, 74% (6 professores) afirmaram que possuem cursos de longa e curta duração que referentes a metodologias de trabalho na educação especial, dentre os cursos citados atendimento educacional especializado, guia-intérprete, código braille, curso de sorobã, audiodescrição, Libras e formação de educadores de pessoa com deficiência sensoriais e múltiplas. Os outros entrevistados fazem parte da amostra que não possuía cursos para trabalhar com educação especial, 13% (1 professor), e de uma amostra, também de 13% (1 professor), que foi se especializando ao longo do processo educativo com alunos surdocegos, como relatado em entrevista: “Inicialmente, não fiz nenhum curso específico [...] Após assumir a função, comecei a ler sobre o atendimento e fui para Curitiba realizar um curso intensivo de uma semana, com a carga horária de 40horas”.

Sobre essa questão da formação voltada para o preparar profissionais para o atendimento educacional de alunos surdocegos, GODOY et. al. (2012) relatam que essa formação ainda é recente no âmbito do ensino regular sendo contemplada, apenas em poucos cursos de Pós Graduação, o que leva a necessidade dos profissionais que atuaram nessa área terem que buscar aprofundamento do conhecimento na área em cursos mais específicos.

Para enfrentar as peculiaridades diárias da educação especial, além de uma formação acadêmica do currículo tradicional, deve-se buscar adequar atividades funcionais de acordo com o desenvolvimento do aluno. Afirmando com isso a individualidade de cada indivíduo, para o caso das pessoas com surdocegueira os profissionais da educação devem estar atentos às estratégias de ensino que possibilitem vivenciar propostas significativamente, passo a passo, respeitando as possibilidades e habilidades de cada aluno (MAIA, 2008).

A combinação da formação acadêmica e a vivência diária, nem sempre garante que o profissional se sinta plenamente preparado para o processo educativo especial. Como constatado por Pereira (2011) em um estudo que fez com a professora Maria, essa relatou que apesar da formação em pedagogia, as especializações no currículo e dos vários anos acumulados em docência, porém ainda se considera despreparada e vulnerável quanto a atuação com crianças especiais.

O segundo questionamento se referia a quais ações os professores achavam mais importantes no processo inclusivo do atendimento da surdocegueira. As respostas incluíram a adaptação do espaço físico para mobilidade e conforto adequados ao estudante, sendo citado com um dos artifícios a utilização de sinalização em Braille das instalações das escolas. Além da estrutura também foram citados recursos pedagógicos e adequação de materiais, muitos deles já expostos na revisão bibliográfica desse trabalho, como no caso da presença de guia intérprete, o acesso ao braille, a utilização do material ampliado, sorobã, língua de sinais, o uso de tecnologia assistiva de baixo custo, dentre outros.

Acrescido dos artifícios físicos também foram citados questões comportamentais referentes a eliminação de todas as formas de discriminação por meio da sensibilização de todos os agentes envolvidos na escola; eliminação das barreiras que impedem a plena e efetiva participação do surdocego em todos os contextos vivenciados por ele; a criação de espaços para promover a comunicação e a participação do estudante surdocego; repensar o Currículo para que ele se torne acessível; Levar em consideração as características de cada surdocego. Também foi enfatizado nas respostas a importância da formação continuada para os professores e demais profissionais da Educação da Instituição Escolar para que se possa tornar um ambiente mais acessível.

Mesmo com as proposição e divulgação de diversos métodos e metodologias na melhoria do processo educacional de estudantes surdocegos é de suma importância que antes da aplicação das facilitações conheça o histórico da escola referente a inclusão de alunos com deficiência, bem como conheça-se e respeite a individualidade de cada aluno. Por meio desse conjunto de proposições apresentadas consegue-se resultados efetivos no processo de ensino aprendizagem dos alunos surdocegos.

Além de elencarem as ações mais importantes no atendimento educativo surdocego, os professores também foram indagados a respeito de quais sugestões ou dicas de estratégias, materiais, meios de comunicação que podem contribuir para enriquecer o atendimento do aluno surdocego na rede de ensino pública, devido à grande vivência dos profissionais nesse ambiente de integração educativa, respostas relevantes foram obtidas. Entre as respostas foi ressaltada a importância do desenvolvimento de uma forma de comunicação para o aluno surdocego, pois essa “possibilita ao aluno uma forma de integração, socialização e inclusão no ambiente escolar”.

Também foram apresentadas ideias a respeito das adaptações dos métodos educativos a necessidade de cada criança, sendo “as atividades devem ser apresentadas a criança de forma gradual. Em primeiro lugar estabelecer através da confiança uma via de comunicação. por mais tênue que possa parecer e, introduzir as tarefas de maneira que compreenda o que está sendo solicitado, com estratégias diferenciadas”. O conhecimento das técnicas e de como aplica-las para cada aluno também foi relatado nas respostas “O uso do braille se o aluno surdocego for cego total, o uso da língua de sinais se o mesmo for surdo severo ou profundo e utilize essa forma de comunicação, libras tátil, etc”

Para melhoria dos resultados do processo educativo também foram enfatizadas a participação de um membro da família nos atendimentos, deixando o aluno e um ambiente mais confortável e favorecendo a relação entre escola e família, outra presença importante é do guia intérprete, pois esse “acompanha o aluno surdocego em sala de aula auxiliando em suas atividades diárias”.

A participação de todos, funcionários da escola, professores, alunos, família e guia interprete, é de suma importância no processo educacional do aluno surdocego, pois é essa integração que fará com que os métodos e metodologias obtenham resultados efetivos na educação e integração do aluno (PEREIRA, 2011).

No quarto questionamento os profissionais da educação especial puderam relatar uma experiência marcante com seu aluno surdocego. Dentre as experiências comentadas estava o bom desempenho dos alunos especiais no âmbito da matemática “um aluno surdocego pós

linguístico, era extremamente inteligente e dedicado tinha uma abstração para cálculos matemáticos maravilhosa, vindo a receber medalha em pelo seu desempenho na prova da OBMEP”, e no âmbito da leitura “um aluno surdocego com quem eu trabalhava foi homenageado por está entre os alunos que mais lia livros na escola, os livros eram adaptados”. Esses relatos mostram que com o incentivo, o apoio e o material adequado os alunos surdocegos podem ter ótimos desempenhos no estudo.

Outros relatos dizem respeito a realização de atividades diferenciadas e o processo de integração do aluno surdocego nelas. Como no caso de trabalhos manuais com artes “o “Desfio de Fazer Arte”. Uma releitura das obras de Athos Bulcão, desenhos e pinturas com tinta, giz de cera e lápis de cor. Também nessa mesma disciplina trabalhamos com “Mandalas”. Foi um trabalho cheio de desafios, mas de muito aprendizado e de conquistas.”. E também atividades multidisciplinares “Um trabalho que realizei sobre sistema monetário, em que envolveu o manuseio de dinheiro (cédulas e moedas) com uma estudante surdocega Baixa Visão, ao desenvolver o conceito de troco. Situação vivenciada pela estudante, juntamente com sua guia interprete e depois dramatizamos na sala de aula, até que a mesma”. O processo de adaptação de atividades diferentes para participação do aluno surdocego, requer conhecimento dos métodos e sensibilização dos educadores, uma vez encontrada a forma correta de integrar o aluno surdocego na atividade essa trará benefícios no desenvolvimento escolar que irá adquirir novos conhecimentos, e pessoal do aluno que se sentirá mais confiante e integrado ao ambiente escolar.

Mais um relato significativo foi a respeito da adaptação dos métodos pela guia-interprete a necessidade do estudante “A minha aluna era surda profunda com baixa-visão, o trabalho que desenvolvia com ela era por meio da Libras a curta distância e ampliação de textos. Aos 17 anos de idade perdeu totalmente a visão, passei a ensinar o Braille tátil, depois ela aprendeu a usar a reglete e posteriormente a máquina Perkins”. Esse processo de conhecimento dos métodos a necessidade do estudante faz com que o processo educativo consiga obter resultados. Além disso o mesmo profissional de educação entrevistado mostrou em seu relato a sua sensibilidade com o aluno tanto no que se refere ao processo educacional, “Não deixei que a surdocegueira limitasse a minha aluna, além dos conteúdos que ela aprendeu, ela também participava de todas as atividades da escola.”, como na relação interpessoal que mantinham “Fui apresentar um trabalho a respeito da surdocegueira no Uruguai e ela foi comigo para conhecer outro país. Foram seis anos de muita cumplicidade e de muita afetividade envolvida”. Essa sensibilidade e relação de confiança estabelecida entre o aluno surdocego e o guia-

interprete é de suma importância, auxiliando no processo de aprendizagem e no processo interpessoal do aluno.

Essa relação entre o guia-interprete e o aluno também foi explorada na quinta questão, onde foi perguntado aos professores qual era seu entendimento em relação ao guia interprete. Em 100% das respostas os professores reconheceram a importância de um guia interprete no processo educativo com o aluno surdocego “A presença do guia intérprete educacional em sala de aula com o aluno surdocego é fundamental, o seu papel é intermediar, direcionar e orientar o processo ensino-aprendizagem do aluno”, além dessa relação de ensino-aprendizagem, também foi dada importância a relação social entre o aluno e guia-interprete “Além da relação pedagógica com o aluno surdocego, há uma relação emocional, social entre eles muito importante”. Adicional a relação com o aluno o guia-interprete também é importante no processo de integração entre a escola e o aluno, “Atuando na sensibilização de todos na escola, verificando se as condições físicas estão aptas a receber o aluno”.

Além dessas relações também foi enfatizado a importância da formação do profissional para exercer essa função “É necessário que possua conhecimento, saber sobre a surdocegueira em bases teóricas, que tenha habilidade para fazer com que a aprendizagem aconteça de maneira significativa e criativa, que seja efetiva e concreta.”. É através do conhecimento das técnicas e a adaptação ao dia-dia que o guia-interprete consegue exercer bem sua função. Outro ponto enfatizado é que esse atendimento do guia-interprete com o aluno deve ser de forma a torna-lo mais consciente e independente.

“Essa relação não pode nunca representar uma relação de dependência, mas sim de acessibilidade ao mundo da cultura, ao mundo letrado.”.

O sexto questionamento dizia respeito sobre o grau de importância que os entrevistados dão a formação continuada do professor para trabalhar com alunos surdocegos. Todos os entrevistados responderam que acham a formação continuada muito importante, “Muito importante mesmo porque o aluno surdocego tem peculiaridades específicas, cada surdocego necessita de uma forma de atendimento, se for pré- linguístico ou pós linguístico. É necessário saber sua forma de comunicação e assimilação de conteúdos, para traçar metas e objetivos pedagógicos a serem alcançados com esse aluno. Dessa forma, é fundamental sempre fazer cursos na área da surdocegueira e ler documentos relacionados a atendimentos, legislação, estudos, etc. Quanto mais se conhecer sobre a sistemática do atendimento ao aluno surdocego, melhor para suprir suas necessidades”.

Outro ponto enfatizado é que a formação é essencial “Não é suficiente a “boa vontade”, a “disponibilidade”. Se faz necessário o conhecimento teórico das técnicas e de tudo o que pode

ser útil ao bom aprendizado do surdocego. Conhecer das diversas comunicações alternativas utilizadas, da Libras, do braile, do Sorobã, da orientação e mobilidade, sobre as síndromes etc. É essencial que seja um profissional com aptidão para exercer o cargo.”

Além da formação técnica o professor também precisa ter um perfil adequado para trabalhar com alunos surdocegos “professor que decidir trabalhar com surdocego precisa ser pro-ativo, pois sua formação é contínua. Sempre precisará investigar o como fazer, por que fazer e realizar as ações no ambiente para atender as demandas de acessibilidade ao surdocego”.

Os resultados obtidos revelaram-se extremamente positivos, haja vista que os entrevistados foram unânimes em relação a diversos posicionamentos a que foram submetidos ao longo do questionário.

Tendo em vista as opiniões unânimes, direcionamos o foco da análise para as justificativas para as indicações apresentadas, em busca de pontos conflitantes entre afirmação e justificativas. No entanto, verificou-se que os entrevistados foram legítimos nas informações expostas na pesquisa, ora pois se utilizavam de experiências vivenciadas em suas salas de aula para justificarem suas respostas, fato que claramente evidencia verdade nas informações ora expostas na pesquisa, além de situar e enfatizar bem os esclarecimentos às indagações e objetivos preliminares deste estudo.

Assim, as respostas recebidas a partir da pesquisa vêm corroborar intencionalidades positivas quanto ao cenário da inclusão das pessoas surdocegas nos anos iniciais do ensino fundamental, mostrando que esse é um cenário composto de profissionais conscientes e responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão de literatura e análise das respostas dos questionários conseguiu-se chegar a conclusões acerca do questionamento levantado na pesquisa, como ocorre a inclusão das crianças surdocegas nos anos iniciais do ensino fundamental, nas salas de aula da rede de ensino regular?, chegando a resposta de que esse processo de inclusão está sendo respaldado por profissionais com formação, vivência e bem informados a cerca das questões que envolvem essa educação especial.

Com isso, a pesquisa conseguiu abarcar seus objetivos analisando como ocorre a inclusão de crianças surdocegas nos anos iniciais do ensino fundamental na rede regular de ensino, chegando a diversas respostas e relatos dos professores que mostram que esses se

dedicam, através do embasamento teórico e da vivência diária, em fazer com que os alunos surdocegos tenham desenvolvimento educacional e se sintam incluídos no ambiente escolar.

A pesquisa teórica também foi importante e obteve bons resultados, pois através dela pode-se fazer um aparato das leis, códigos e estatuto, que asseguram os direitos das pessoas com deficiência surdocegueira; exemplificar os meios de comunicação utilizadas no processo de escolarização dos alunos surdocegos e verificar o trabalho desenvolvido com crianças surdocegas dentro de sala de aula.

Ao alinhar a pesquisa teórica e a prática pode-se chegar a conclusão que os professores conseguem alinhar bem a teoria executada na prática, que todos tem ciência da importância da formação preliminar e da formação continuada para trabalhar com os alunos, bem como reconhecem a importância e a importância e o trabalho do guia-interprete. Outro ponto que tem grande importância nessa discussão é que apesar das limitações de materiais e estruturas, em algumas escolas da rede de ensino, esses profissionais através da sua formação e sensibilidade profissional conseguem driblar essas dificuldades e oferecerem a melhor educação possível para seus alunos.

Assim, esse estudo abre discussões futuras para análise de como é feita o processo de inclusão de alunos surdocegos em outras regiões do país e em outros níveis educacionais.

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa é fruto do trabalho de conclusão de curso de José Ricardo Moura Moreira Lima (in memoriam), que traçou durante sua vida uma luta pela educação inclusiva dos surdocegos, por viver isso na pele e por buscar melhorias para aqueles que vivenciavam esse cenário. Essa pesquisa foi um dos auge acadêmicos da sua vida, e onde se encontra sabemos que estará muito orgulhoso por ver suas palavras eternizadas e lidas por outras pessoas.

Agradecemos também ao seu orientador o Prof. Me. Walter Guarnier de Lima Júnior que acompanhou José Ricardo durante sua trajetória e o orientou durante essa pesquisa.

E por fim, agradecer a Deus por ter permitido a convivência, ter desfrutado do carinho e ensinamentos que o colega e Professor da vida, José Ricardo, compartilhou conosco.

REFERÊNCIAS

AMARAL, I. A educação de estudantes portadores de surdocegueira. *In: MASINI, Elcie F.S. (Org.). Do sentido... pelos sentidos...para o sentido.* São Paulo: Vetor Editora, 2002.

ARÁOZ, S. M. M.; COSTA, M. P. R. Aspectos biopsicossociais na surdocegueira. **Rev. bras. educ. espec.**, vol.14, n.1, Marília, p.21-34, 2008

AUGUSTO, C. A.; SOUZA, J. P.; DELLAGNELO, E. H. L.; CARIO, S. A. F. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, n 4, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRASIL. **Decreto Lei nº 6949/2009, de 25 de agosto de 2009.** Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília: Casa Civil, 2009.

BRASIL. **Dificuldades de comunicação e sinalização: Sudocegueira e Múltipla Deficiência Sensorial.** Coleção Saberes e Práticas de inclusão. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. **Dificuldades de comunicação e sinalização: Sudocegueira e Múltipla Deficiência Sensorial.** Coleção Saberes e Práticas de inclusão. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2000.

BRASIL. **Lei nº 4.169, de 4 de dezembro de 1962.** Oficializa as convenções Braille para uso na escrita e leitura dos cegos e o Código de Contrações e Abreviaturas Braille. Brasília: Casa Civil, 1962

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2002

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais deficiência física.** 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deffisica.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

DOURADO, L.F; OLIVEIRA, J. F. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Cad. Cedes**, Campinas vol. 29, n. 78, p. 201-215, 2009.

FARIAS, S. S. P. **Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na Educação Básica.** 2015. 200 f. Dissertação - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GODOY, S. A.; VITALIANO, C. R.; FABRI, R. T. Percepções de professores especialistas da área da surdocegueira sobre a formação docente. In: IX ANPED SUL (Seminário de

MAIA, S. R.; DIAS, D. T.; GIACOMINI, L.; MESQUITA, R.S.H.; IKONOMIDIS, V. M. **Estratégias de ensino para favorecer a aprendizagem de pessoas com Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: um guia para instrutores mediadores.** São Paulo: Grupo Brasil, 2008. 104p.

PACCO, A. F. R.; SILVA, E. R. M. A surdocegueira no contexto escolar. **Educação**, Batatais, v. 5, n. 2, p. 141-166, 2015.

PEREIRA, M. S. **Desenvolvimento e aprendizagem de crianças surdocegas de quatro a seis anos.** 2011. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

REYES, D. A. La sordoceguera: uma discapacidad singular. In: REYES D. A. La sordoceguera: um análisis multidisciplinar. Madrid: ONCE, 2004. p. 135-159.

ROCHA, T. N., BÖCK; G. L. K.; SOUZA, C. P. As produções acadêmicas sobre a surdocegueira: contribuições para atuação docente. **Educação, artes e inclusão**, vol. 13, n. 2, p. 92-108, 2017.

SILVA, A. M. **Educação do surdocego: transpondo obstáculos através do estabelecimento da comunicação.** 2010. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/educacao-do-surdocego-transpondo-obstaculos-atraves-do-estabelecimento-da-comunicacao/32862/>>. Acesso em: 20 de abril de 2019.